



As imagens no “Método Paulo Freire” na experiência de Angicos (RN) – 1963¹

Vicente Vitoriano Marques Carvalho
Universidade Federal do Rio Grande do Norte

Resumo

O uso de imagens pelo método de alfabetização proposto por Paulo Freire é focalizado neste estudo, tomando a Experiência de Angicos, Rio Grande do Norte – 1963, como objeto. Analisa-se a formulação de imagens visuais nas “fichas” com desenhos das “palavras geradoras,” tendo em vista as relações entre desenho e palavra e entre estes e as expectativas de sua eficiência no processo ensino-aprendizagem da leitura e da escrita. Aspectos da situação política e as ações institucionais que serviram de base para a realização da experiência introduzem a análise das imagens.

Palavras-chave: Educação no Rio Grande do Norte. Método de alfabetização de Paulo Freire. Imagens no processo pedagógico.

Abstract

The image using by Paulo Freire’s literacy method is focused here, taking the experience at Angicos, Rio Grande do Norte – 1963. The paper analyses the image formulation for drawing cards with “generator-words,” aiming relationships between drawing and word and their efficacy in reading and writing teaching-apprenticeship process. Some sights of basics political instance and institutional agencies induct the image analysis.

Key words: Rio Grande do Norte’s education. Paulo Freire’s literacy method. Images in pedagogical process.



Parte dos resultados do projeto de pesquisa “Políticas Para a Educação e a Cultura do Governo Aluizio Alves – 1961-1964,” o seguinte ensaio trata dos recursos visuais utilizados nas chamadas “40 horas de Angicos,” Experiência de alfabetização realizada naquela cidade do Rio Grande do Norte, em 1963. A presente versão busca estender algumas considerações sobre o aporte pedagógico de Paulo Freire, assim como sobre as aplicações do seu “método” em Angicos, em 1964. As alterações visam uma maior proximidade com os objetivos da pesquisa, que se propõem a detectar, descrever e analisar as relações entre idéias pedagógicas inovadoras e políticas públicas voltadas para a implementação de projetos educacionais, no período proposto, no Rio Grande do Norte. Em específico, a pesquisa focaliza aspectos relacionados ao ensino e ao emprego da arte e de elementos da cultura local, no que também se inclui o uso de imagens.

O conteúdo deste ensaio alarga os interesses da pesquisa, que esteve se detendo na discussão dos propósitos políticos gerais da campanha eleitoral levada a cabo por Aluizio Alves, e também de sua administração, uma discussão que analisa o seu ideário social-desenvolvimentista, este também escrutinado nos primeiros discursos proferidos pelo Governador, inclusive no de sua posse em 1º de fevereiro de 1961. Para este estudo anterior – sistematizado em comunicação apresentada ao V Congresso Luso-Brasileiro de História da Educação, ocorrido em Évora, Portugal, em abril de 2004, usaram-se como fontes alguns discursos e “avisos” em que se apreenderam algumas proposições em torno de um projeto de política cultural sugerido pelo jornalista Afonso Laurentino Ramos, em julho de 1961. Todo modo mantém-se aqui um olhar sobre movimentos de inovação, associados ao tema da modernidade pedagógica. Aliás, o tema da modernidade constituía palavra de ordem no contexto discursivo de alto teor populista alardeado por Aluizio Alves.

No caso deste ensaio, as fontes me levaram a privilegiar um evento que ficou registrado na história da educação brasileira como a Experiência de Angicos, que pôs em prática o projeto pedagógico de alfabetização de adultos proposto por Paulo Freire, na época – janeiro de 1963, ainda denominado timidamente de “método Paulo Freire.”

Na análise elaborada, examinam-se dispositivos visuais e imagens, algumas inéditas, de acordo com um método de base iconológica em que concorrem contribuições analíticas de Panofsky (1979) e de Tardy (1976). Destas últimas, consideradas no momento da redação, aproprio-me do conceito de

“pedagogia pela imagem,” que caracteriza o método Paulo Freire. Neste sentido, a análise das imagens transcende os aspectos estritamente artísticos, para escrutinar sua funcionalidade pedagógica, tanto em termos do ensino da escrita e da leitura como no que se refere às intenções de conscientização política implícita no “método Paulo Freire,” o que implicam anotações a respeito dos procedimentos de leitura das imagens por parte dos professores, conforme descritos por Lyra (1996). A noção proposta por Tardy (1976) também implica considerar as circunstâncias de apresentação das imagens tanto no que diz respeito aos materiais e técnicas envolvidos em sua elaboração quanto às circunstâncias de sua apresentação na prática pedagógica.

As imagens analisadas foram obtidas nos arquivos do fotógrafo e fot-jornalista norte-rio-grandense Carlos Lyra, um dos coordenadores dos Círculos de Cultura, como assim eram designadas as classes formadas em Angicos. As anotações diárias feitas por Carlos Lyra durante as “40 horas de Angicos” foram publicadas à época (1963) pelo Serviço Cooperativo de Educação do Rio Grande do Norte (SECERN), como referencia Beisiegel (1982). Em 1996, estas anotações foram compiladas e comentadas em livro pelo próprio jornalista, livro que funcionou como suporte fundamental para este estudo, ao lado da contribuição pessoal do autor em me apresentar documentos imagéticos e outras informações historiográficas.

O momento histórico captado na análise apreende o Governador Aluizio Alves em plena ação administrativa, às voltas com os vieses políticos desenhados pela acirrada disputa entre esquerda e direita, que se dava em níveis nacional e internacional. O Governador procurava equilibrar-se entre o seu apregoado nacionalismo, ao mesmo tempo em que não queria sobejar a ajuda dos Estados Unidos na forma de financiamentos oriundos da Aliança para o Progresso, ou mais precisamente da Agência Norte-Americana para o Desenvolvimento Internacional (USAID). Para ele, conforme se pronunciou em Mensagem à Assembléia Legislativa, em junho de 1961, valiam os riscos se, ao final, estivesse cumprido o “[...] compromisso inalienável de promover educação para todos.” (ALVES, 1961, p. 1).

O posicionamento ambíguo do Governador do Rio Grande do Norte incorporava por um lado, os “campos de poder” articulados por políticas públicas conservadoras, e, por outro, pelas idéias pedagógicas progressistas, num conflito que se pretende abordar, na pesquisa como um todo, desde proposições analíticas de Bourdieu (1998) e proposições historiográficas de Certeau



(1982), referências teóricas adotadas. A atitude do Governador Aluízio Alves rendia severa instabilidade no que diz respeito ao apoio dado pelas divididas bancadas de deputados estaduais, à parte a instabilidade também reinante nas relações com a Prefeitura de Natal, notadamente de esquerda com o Prefeito Djalma Maranhão. Mas, os compromissos de campanha eram imperativos, mormente os que implicavam, no amplo âmbito do comportamento político-administrativo, de viés populista, a prioridade dada às populações ditas desassistidas, à “gentinha desamparada,” como eram referidas nos discursos em oposição aos que compunham as oligarquias agrárias.

No que tange a uma ação no campo educacional, a Prefeitura de Natal se adiantara com um programa de alfabetização popular chamado “De Pé No Chão Também Se Aprende a Ler,” em 1961. Neste período, o prefeito Djalma Maranhão ainda compunha a Cruzada da Esperança, nome dado à coligação que elegeu Aluízio Alves para o Governo do Estado. Programa semelhante deveria se estender a todo o Rio Grande do Norte, começando pela cidade de Angicos.

De acordo com Fernandes e Terra (1994, p. 72), “[...] a escolha da cidade foi fundamentada na justificativa de que, naquele município, com aquelas dificuldades, a um calor de 40 graus, no centro do estado, se a experiência tivesse êxito, tinha grandes chances de dar certo em outras partes.” Tal justificativa, de aparente base antropológica, soa antes como de caráter mesmo político, se considerado o fato de que Angicos é a cidade natal de Aluízio Alves. Considere-se também que, pelo relato de Fernandes e Terra, o Governador estivera presente à reunião na casa do educador Paulo Freire, em Recife, onde a decisão foi tomada.

Para levar à frente a Experiência de Angicos, que seria a primeira ação governamental derivada do projeto para a política educacional do Estado, Aluízio Alves contou com a ajuda de seu Secretário da Educação, o jornalista Calazans Fernandes, que assumiu a secretaria em junho de 1962. Em 3 de dezembro, Fernandes havia completado o projeto, do qual já obtivera aprovação e financiamento mediante o convênio celebrado entre o Estado do Rio Grande do Norte, o Ministério da Educação e Cultura (MEC), a Superintendência do Desenvolvimento do Nordeste (SUDENE) e a Agência Norte-Americana para o Desenvolvimento Internacional (USAID).

Com o fim de concretizar o acordo, de projeto em mãos, Fernandes desenvolveu uma verdadeira maratona que se iniciou, em outubro, no gabinete de Anísio Teixeira, então Diretor do Instituto Nacional de Estudos Pedagógicos (INEP), “[...] o espírito santo dos educadores brasileiros” que, “[...] de seu pequeno gabinete no edifício do MEC, pensava a educação com a visão iluminada dos apóstolos.” (FERNANDES; TERRA, 1994, p. 84).

Segundo Fernandes e Terra (1994), a intervenção de Anísio Teixeira teria catapultado o projeto educacional do Rio Grande do Norte, do sexto para o primeiro lugar, numa lista de prioridades da SUDENE. Em seguida, o projeto seria apresentado por Darcy Ribeiro, então Ministro da Educação, a Celso Furtado, Ministro do Planejamento e Superintendente da SUDENE. Na viagem de volta a Natal, passando por Recife, Fernandes ainda apresentou seu projeto na SUDENE e a Phillip Schwab, Diretor da Divisão de Educação da USAID.

O projeto educacional do Rio Grande do Norte, sob a direção de Calazans Fernandes, incorporava os preceitos da Carta de Punta Del Este para a América Latina, a qual propunha a partir da Conferência da Organização dos Estados Americanos (OEA), em agosto de 1962, a “[...] eliminação do analfabetismo entre adultos no hemisfério até 1979.” (FERNANDES; TERRA, 1994, p. 34).

A formulação do projeto também levava em conta as recomendações contidas no relatório da missão de estudos enviada pelos Estados Unidos ao Nordeste brasileiro, em 1961. Tal consideração se tornara como que obrigatória dada a associação da Aliança para o Progresso aos programas de governo dos estados nordestinos, o Rio Grande do Norte em particular. Como relatam Fernandes; Terra (1994), Aluizio Alves estivera no início de 1962 procurando adiantar os convênios, tendo ido pessoalmente a Washington para falar com o presidente John Kennedy. No Brasil, o Governador ainda obtivera autorização do governo federal para negociar diretamente com a USAID.

Celebrado o Convênio, o então criado Serviço Cooperativo de Educação do Rio Grande do Norte (SECERN) deveria colocar em prática um Método que se apresentasse eficiente e implicasse poucos recursos financeiros. A escolha incidu sobre o revolucionário método que alfabetizava em curto espaço de tempo e que vinha sendo experimentado em Recife, no Centro de Cultura Dona Olegarinha, pelo sociólogo e educador Paulo Freire. As



experiências de Paulo Freire davam-se como programas do Movimento de Cultura Popular (MCP), organizado desde maio de 1960, como parte da administração do então Prefeito Miguel Arraes. A propósito, o próprio Paulo Freire, em entrevista de 1970 à revista suíça Risk (NOVOA, 1979), afirmava com números as vantagens econômicas de seu Método em relação aos custos reais de alfabetização por aluno, nas escolas formais. Para a escolha também concorreu a confiança que se depositava na pessoa de Paulo Freire e no seu sucesso em alfabetizar empregadas domésticas e tiradores de areia do Recife, baseado em um experimento franco-africano publicado pela Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura (UNESCO). (FERNANDES; TERRA, 1994).

Ainda em setembro de 1961, Calazans Fernandes foi a Recife convidar Paulo Freire para orientar a experiência de alfabetização que seria praticada na cidade de Angicos. A princípio, Paulo Freire mostrou-se relutante tendo em vista sua ligação funcional com o governo pernambucano e a ligação do projeto com a Aliança para o Progresso. Posterior autorização de Miguel Arraes, que era avesso à inclinação esquerdista das propostas freireanas, e a associação do projeto com a Igreja Católica permitiram a aceitação de Paulo Freire. Fernandes e Terra (1994, p. 70) acrescentam que o empresário e também político norte-riograndense Odilon Ribeiro Coutinho “[...] foi de extrema valia no convencimento do tímido professor Paulo Freire a aceitar o desafio de Angicos.” Acompanhado de uma equipe do MCP, Paulo Freire foi então a Natal para treinar os alfabetizadores que atuariam em Angicos. No Rio Grande do Norte, ele teria “[...] os recursos e o apoio que lhe eram negados em Pernambuco” para testar “suas idéias em larga escala.” (LYRA, 1996, p. 15).

A equipe natalense, formada pelos “meninos do SECERN,” teve como coordenador o estudante de direito Marcos José de Castro Guerra, presidente da União Estadual de Estudantes (UEE), seção local da União Nacional de Estudantes (UNE). Como era membro da Juventude Universitária Católica (JUC), a sua escolha teve também importância no convencimento da vinda de Paulo Freire ao Rio Grande do Norte.

O “Método Paulo Freire” empregado nas “40 horas de Angicos” caracteriza-se por uma base conceitual construtivista em que a aprendizagem da leitura e da escrita se dá mediante a participação direta do aluno, a partir da utilização de “palavras geradoras” colhidas no universo vocabular desse aluno e pesquisadas previamente pelo professor. Isto é, considera o

conhecimento prévio do aluno, tido como oralmente alfabetizado. No caso das "40 horas de Angicos," a pesquisa do vocabulário foi empreendida pela estudante de Serviço Social, em Recife, Maria José Monteiro.

O conjunto de palavras como um todo, em particular aquele composto pelas palavras escolhidas para o processo de alfabetização, deveria constituir, como preconizado pelo Método Paulo Freire, uma representação da realidade elaborada pelos pesquisados, representação esta formada por via perceptual e impregnada de "contornos mágicos." Ao fim do processo de alfabetização, tal compreensão mágica da realidade deveria ter sido substituída por um pensar crítico, ao tempo em que a mera alfabetização verbal, atribuída ao aluno no início do processo, estaria enriquecida pela alfabetização gráfica, conforme teorizado por Jarbas Maciel (FERNANDES; TERRA, 1994). Como queria Paulo Freire (1981, p. 75), o debate em torno das "situações-problema," suscitados pelas imagens e palavras geradoras, levaria os grupos "a se conscientizarem para que, ao mesmo tempo, se alfabetizem."

O método da alfabetização gráfica constitui uma síntese das metodologias sintética (aprendizagem do abecedário, silabação, palavração, fraseado) e analítica (fraseado, palavração, etc.). Uma atenção maior à abordagem analítica responde ao princípio gestaltista de que a percepção ocorre de forma globalizada, assim como à compreensão da leitura como processo ideovisual.

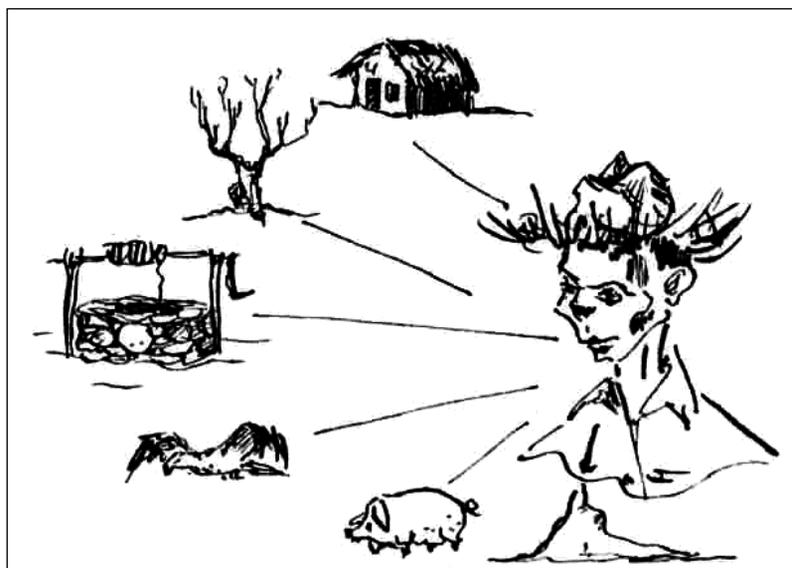
Nesse sentido, a utilização de imagens associadas aos temas discutidos ou às palavras geradoras cumpre a função de principiar uma cadeia de analogias, semelhanças e continuidades de significado (ECO, 1999), desde estas imagens até sua representação gráfica verbal, cadeia esta ligada por confiáveis elos mnemônicos. Sendo as imagens representações de coisas familiares no universo cultural do alfabetizando, elas assumem um nível suficientemente "extremo" de significação ou de concretude, capaz de levar de modo eficiente aos símbolos fonéticos gráficos e à conseqüente concretização destes. O pensamento empregado no processo torna-se também concreto no sentido proposto por Dewey (1979), já que implica a função da aprendizagem da escrita, assim como da "conscientização" político-cultural (pensamento crítico) pretendida pelo Método.

Cabe aqui comentar a experiência levada a cabo, em 1969, por uma equipe de alfabetizadores mexicanos que, apropriando-se do "Método

Paulo Freire, " modificou-o ao reordenar as etapas do processo. Nas palavras de Freire, em entrevista a Nóvoa.

[...] em vez de fazer uma pesquisa para descobrir as palavras com as pessoas (antes do processo de alfabetização), eles começaram com o processo sem a investigação. Como? Eles colocaram desenhos diante dos analfabetos. [...] Através da discussão em torno do primeiro desenho, que foi gravada, eles colheram a primeira palavra gerada pelas pessoas. (NOVOA, 1979, p. 34 e 35).

A experiência dos jovens mexicanos demonstrou para Paulo Freire a eficácia do uso de desenhos como "imagens geradoras" de palavras geradoras. Na Experiência de Angicos, porém, nota-se que a primeira sessão de aula, em que se discute o conceito antropológico de cultura, o processo é semelhante quando um desenho projetado (Figura 1) motiva a discussão ao tempo em que é seu ponto de partida.



105

Figura 1. Imagem utilizada para a discussão do conceito antropológico de cultura

Fonte: Arquivo pessoal de Carlos Lyra

Digressões em outros níveis foram praticadas em relação ao “Método de Paulo Freire.” Por exemplo, como afirmam Fernandes; Terra (1994, p. 136) “[...] as fichas com as palavras-chave da Experiência de Angicos, tiradas de contexto sociológico completamente diferente, haviam se espalhado pelo Brasil, como fonte milagrosa alimentadora do prodígio.” Diante desta afirmação é de se considerar que o cerne pedagógico do Método, no que diz respeito à sua eficácia alfabetizadora, pode estar justamente na relação do professor “com” o aluno, como ele enfatiza, e na situação dialógica que se estabelece entre os mesmos, geradora de diálogos capazes de não só fazer surgir palavras-chave pertinentes à circunstância como de também propiciar o almejado processo de conscientização.

O caráter “áudio-visual” da metodologia empregada mostra-se como tendo uma importância básica para os envolvidos na Experiência de Angicos, o que é compreensível vista a participação de meios visuais no tempo integral da aula (Figura 2). Isto fica claro nas anotações de Lyra (1996) e no ensaio de Fernandes; Terra (1994, p. 158), onde se registra que “[...] a primeira etapa de cada aula é a projeção da ficha. Essa projeção será a motivação da aula.”

106



Figura 2. Carlos Lyra analisa eslaides com um grupo de coordenadores dos Círculos de Cultura

Fonte: Arquivo pessoal de Carlos Lyra



Carlos Lyra, juntamente com Marcos Guerra, estivera responsável pelo transporte dos equipamentos que incluíam os projetores, os eslaides e os quadros-de-giz. Devido ao atraso no envio dos projetores desde o Rio de Janeiro e da Escola Parque Anísio Teixeira, de Salvador, os equipamentos chegaram a Angicos numa quarta-feira, 23 de janeiro de 1963, motivando que o início dos cursos de alfabetização acontecesse apenas no dia 24, embora as aulas já tivessem sido formalmente inauguradas no dia 18, com a presença do Governador Aluísio Alves e do secretário da educação, Calazans Fernandes.

A princípio sem sucesso, os projetores foram solicitados à embaixada francesa, pois, como relata Calazans Fernandes, ele havia visto um sofisticado equipamento demonstrado por um engenheiro francês, “[...] administrador das obras do terminal salineiro teleférico de Areia Branca,” de quem não recorda o nome. Na verdade terminou-se por “[...] caminhar com as soluções locais, até que surgisse melhor alternativa” (FERNANDES; TERRA, 1994, p. 74), utilizando-se projetores vindos do Rio de Janeiro e de Salvador, que poderiam ser os projetores elétricos de fabricação polonesa, dos quais “[...] o Governo havia importado 35.000,” como afirma Paulo Freire (1981, p. 79).

Já depois de completada a Experiência de Angicos, Calazans Fernandes solicitou à USAID, na pessoa de Phillip Schwab, o envio de mil projetores para o Rio Grande do Norte, o que viria ocorrer apenas em fins de 1963. Estes projetores, “de recreação da garotada americana,” custavam “o ínfimo preço de um dólar” nos Estados Unidos e, tendo em vista seu formato próximo ao de uma pistola, inclusive sendo acionado por uma espécie de gatilho, recebeu o apelido de “raio da morte.” Funcionavam com duas baterias (pilhas de lanterna), o que significava poderem ser usados em quaisquer circunstância, independentes de energia elétrica, sendo “[...] tudo que se podia esperar para alargar a experiência de Angicos por milhares de núcleos nos sertões.” (FERNANDES; TERRA, 1994, p. 106-107). A este propósito, Carlos Lyra (1996, p. 22) faz referência ao uso de projetores “movidos a querosene,” alternativos aos elétricos, e que foram empregados nos Círculos de Cultura coordenados por Dilma (Ferreira Lima) e Walkíria (Felix), quando faltou energia elétrica nas casas em que trabalhavam.

Numa primeira análise, a ênfase dada ao projetor pode levar à compreensão de que o “Método Paulo Freire” na Experiência de Angicos incorporava características tecnicistas, tendência pedagógica que teria seu apogeu nos anos setenta, quando o conhecimento e a utilização de novas tecnologias

do ensino, especialmente os recursos audiovisuais, tornaram-se prioritários entre as competências do professor e solidamente integrados aos processos de ensino-aprendizagem.

Sob a perspectiva de hoje, a procura de metodologias de baixo custo, incluindo a preferência pelo uso de artefatos importados, mesmo subvencionados e baratos, parece corresponder à tendência referida que, já em meados dos anos cinquenta, tomava corpo nos programas de intercâmbio técnico-financeiro entre o Brasil e os Estados Unidos. Estes programas cobriam “[...] todo o espectro da educação nacional, isto é, os ensinamentos primário, médio e superior, a articulação entre os diversos níveis, o treinamento de professores e a produção e veiculação de livros didáticos.” (CUNHA; GÓES, 1989, p. 33).

A esse propósito ainda se deve considerar a preocupação com a eficiência, palavra-chave do tecnicismo pedagógico, eficiência não apenas em alfabetizar, mas em alfabetizar para o voto, mesmo que, dentro do âmbito do populismo, fosse um voto “consciente” que se pretendia. Mas, evidentemente, não era o caso. Os recursos visuais, como já dito, faziam parte de uma estratégia de ensino-aprendizagem e esta inserção não lhes conferia preponderância. Em termos do “Método Paulo Freire,” a alfabetização se propunha fundamentalmente dialógica, na qual se efetivava a participação das figuras do professor e do aluno, ambas equiparadas, um “com” o outro, ambas dotadas de saberes culturais próprios e intercambiáveis. Nesta relação de base é que se acreditava estar a raiz da eficiência, estando as imagens e os aparatos para a sua exibição funcionando apenas como suportes auxiliares.

É inegável, porém, esse “encantamento” provocado pelos projetores e eslaides. Mais ainda para os habitantes de Angicos que os associavam ao cinema, raro naquele ambiente em que a televisão ainda não havia chegado. É sintomática a anotação de Lyra (1996, p. 24) de que “[...] no momento em que é iniciada a projeção, cessam os ruídos. Todos se concentram *totalmente* na imagem projetada.” (grifo meu). Também é significativa a afirmação de Fernandes; Terra (1994, p. 180) de que, em uma reunião ainda nos primeiros dias de fevereiro, “[...] foi decidido também que se devia deixar, ao longo de toda a aula, o projetor ligado, mesmo que não estivesse sendo usado.”

As projeções atraíam pessoas, especialmente as crianças que, deslumbradas, se debruçavam nas janelas, pelo lado de fora, para ver o “filme.” Até que se avisasse que “hoje, o cineminha é só isto.” (LYRA, 1996, p. 45). Para



além do cineminha: uma aura de magia impregnava as projeções luminosas, um sucedâneo da imanência também mágica do universo cultural daquelas pessoas, cultura em que, por exemplo, as chuvas que começaram a cair no período do curso estavam “ligadas” à presença dos coordenadores na cidade, estes que também se encantavam com a babugem, as ervas que brotam com as primeiras chuvas, resfriando de verde a paisagem cáustica de Angicos. (LYRA, 1996).

Para os alunos, o projetor e as projeções ganharam valor especial quando Carlos Lyra, na noite de 7 de fevereiro, teve a idéia de confeccionar eslaides de papel vegetal, cuja transparência próxima do acetato de celulóide permitia seu uso para projetar palavras escritas por eles mesmos. Lyra (1996, p. 54) relata que “[...] a primeira palavra projetada foi panela, pois a maior parte da turma era de mulheres. Projetei, depois, o nome de uma participante (Eliete França) que, emocionada, reconheceu: ‘Meu nome!’” Recurso criativo e também relativamente econômico, naquele momento de implantação do Método, os eslaides de papel vegetal foram comentados, neste sentido de sua economia, por Paulo Freire em entrevista a Sérgio Guimarães. (FREIRE; GUIMARÃES, 1984).

A constatação da presença intermitente do projetor durante o processo da aula remete ao pensamento de Marshall McLuhan (1971) e à sua máxima de que “o meio é a mensagem,” mas não é possível afirmar que os “meninos da SECERN” tivessem conhecimento das teorias deste filósofo da comunicação. O mesmo vale sobre Paulo Freire, principalmente considerando que “Os meios de comunicação como extensão do homem,” obra fundamental deste filósofo da comunicação, foi publicada no Brasil apenas em 1966, dois anos após sua primeira edição e três anos depois da Experiência de Angicos. No entanto, podemos ler a presença dos projetores, inclusive na relação metonímica que se estabeleceu com o cinema naquele contexto, como a presença estrangeira, norte-americana em sentido estrito, exibindo uma mensagem-significado de modernidade e poder, expressa ainda no contraste com a ambiência tosca, talvez como um ideal a ser alcançado, uma metáfora da alfabetização.

A elaboração das imagens utilizadas na Experiência de Angicos foi realizada tomando-se as palavras geradoras e as situações contextualizadas como temas. Este procedimento atende à necessidade de que “[...] para ser didaticamente eficaz, a imagem implica um conhecimento direto e prévio da realidade.” (TARDY, 1976, p. 64). O trabalho gráfico na confecção das

imagens ficou a cargo do desenhista natalense Uran França, cuja assinatura é possível identificar em uma cópia de desenho fornecido por Carlos Lyra (figura 3). Posteriormente, os desenhos foram encaminhados para o Rio de Janeiro, onde foram transformados em eslaides por um laboratório dirigido por Gastão Roberto Coaracy.

Os suportes para os originais das imagens podiam ter o formato quadrado ou retangular. O original ao qual tive acesso (figura 3) é quadrado e mede em torno de quinze centímetros de lado, estando inclusive com os vértices arredondados, repetindo o contorno da borda interna da moldura dos eslaides, certamente para orientar o artista na antecipação visual da peça projetada.



Figura 3. Estudo para eslaide mostrando o caçador nordestino

Fonte: Arquivo pessoal de Carlos Lyra

A qualidade gráfica das representações realizadas por Uran França tende a uma aproximação com o estilo expressionista, embora o estudo visto (Figura 3) esteja acabado segundo um modo naturalista, de maior aproximação especular com os objetos representados. Posso aventar que a passagem de um estilo para o outro obedeceu a uma intenção de promover uma contigüidade entre a imagem e a ambiência rústica dos alunos, tendo em vista aquela aproximação num sentido mais cultural do que própria e estritamente visual. Todo modo, as imagens observadas em geral mantêm um nível de estilização

em relação às coisas representadas ou, na acepção de Tardy (1976), uma derivação ou alteração própria das imagens, mas que permite o “reconhecimento” de tais coisas pelo observador.

Na verdade, a representação de objetos reais nas imagens mostrou-se imprecisa em alguns casos, o que ocasionou a demonstração de que os alunos possuíam aguçados senso crítico e exigência quanto às representações gráficas mostradas. Por exemplo, exibida a imagem do caçador indígena (Figura 4), esta foi lida também como a de uma índia, diante do que Lyra (1996, p. 25) admitiu que se tratava de uma “ficha mal desenhada.” Diante da imagem de uma salina, em que a água dos tanques estava representada na cor azul, eles corrigiram reclamando de que a água deveria ser “avermelhada.” Em relação à imagem do caçador nordestino (Figura 5), foi identificado por um aluno que o caçador estava “precisando de cultura para acertar o porco,” pois não tinha a “caça em perfeita mira.” Um outro aluno, de intensa curiosidade perceptual, pediu que este eslaide fosse virado para que pudesse ver o rosto do caçador, numa ingênua crítica metalingüística. Vendo que a inversão não resultou satisfatória para seus propósitos, afirmou que “o cinema está muito sem cultura”, isto é, atrasado ou pouco desenvolvido, “[...] pois ninguém pode ver do outro lado do retrato.” (LYRA, 1996, p. 27).



Figuras 4 e 5. Imagens mostrando caçadores com equipamentos tecnologicamente (culturalmente) diferenciados

Fonte: Arquivo pessoal de Carlos Lyra

Ainda quanto ao eslaide do caçador nordestino (figura 5), o objeto da caça foi ambigüamente reconhecido: inicialmente como um preá e depois

como um "poico" (porco). Concordando que "de fato, havia uma certa semelhança" com um porco, Lyra (1996, p. 26) não esclarece que espécie de animal estava sendo caçada, mas anota uma criativa discussão em torno da inadequada caça a um porco, em geral, um animal domesticado que não se abate a tiros. A justificativa que surgiu foi a de que se tratava de um porco do mato.

A esse propósito, a viva imaginação e o nível de inteligência dos alunos participantes dos Círculos de Cultura foi motivo de admiração generalizada entre os coordenadores. Observaram-se interpretações muito ricas, particularmente, conforme Lyra (1996), em torno do conceito antropológico de cultura apresentado e discutido na primeira sessão de aula. O primeiro eslaide exibido mostrava as relações entre o homem e objetos naturais e culturais, representadas por linhas que ligavam a imagem do homem às daqueles objetos. Perguntados sobre o que eram aquelas linhas, os alunos responderam que eram o juízo ou a "ciência" (ciência) do homem ou ainda "o caminho do homem para o mundo." Lyra (1996) anotou que, para Paulo Freire, estas seriam "respostas altamente inteligentes" e que demonstravam a capacidade perceptual do homem. Pode-se dizer, ainda, que revelam um alto poder de abstração, possível, a princípio acadêmico, em inteligências privilegiadas ou cultas, capazes de estabelecer relações ou produzir interpretações muito complexas.

Conforme observo, o modo heurístico como os coordenadores encaminhavam essas leituras de imagens se estruturava dentro de parâmetros de análise iconográfica e iconológica, conforme se entende a partir de Panofsky (1979), mesmo que estas imagens não fossem tomadas como arte e o objetivo de sua leitura não fosse o prazer estético, mas o de atingir uma compreensão de suas relações com a realidade existencial dos alunos e facilitar a aprendizagem da leitura e da escritura verbal. A leitura das imagens então principiava por um escrutínio das representações, operando o reconhecimento dos objetos representados e verificando os limites da forma enquanto representação naturalista. Em seguida, ou ao mesmo tempo, avançava para interpretações em que se pontuavam as relações entre estes objetos na própria imagem e para as relações entre esta e a realidade.

Em nível iconográfico, as respostas dos alunos correspondiam a sentenças descritivas ou a palavras, entre as quais esperava-se encontrar a palavra geradora para que dela se desdobrassem os debates nos que se inseriam as interpretações iconológicas.



No processo da leitura iconológica, a transcodificação de significados, desde as imagens visuais para os sinais gráficos, organizados inicialmente em palavras, possibilitava uma atenuação do impasse entre o caráter de representação “realista” das imagens e a condição abstrata dos signos verbais escritos. Próximas de seus referenciais reais, as imagens visuais cumpriam sua função de eficiente artifício mnemônico no sentido da ligação com suas representações verbais gráficas, ainda mais quando estavam cultural e afetivamente associadas ao universo vivencial dos alunos. Um processo inverso também poderia ocorrer quando a forma gráfica de uma letra era associada a um objeto real, como a letra “a” correspondendo à canga das cabras, a letra “o” à boca da panela ou a letra “s” ao gancho de armar rede.

A continuidade deste exercício, marcado pela indissolubilidade dos liames entre a realidade, suas imagens visuais e suas representações alfabéticas, mesmo no curto espaço de tempo de 40 horas, levava a uma satisfatória aprendizagem da leitura e da escrita. E as fichas com imagens e palavras usadas na Experiência de Angicos espalharam-se pelo Brasil, mesmo descontextualizadas, “[...] como fonte milagrosa alimentadora do prodígio.” (FERNANDES; TERRA, p. 136).

Nota

- 1 Versão revista e ampliada do artigo “Recursos Visuais na experiência piloto do método Paulo Freire em Angicos – RN”, apresentado ao III Congresso Brasileiro de História da Educação.

Referências

ALVES, Aluizio. Mensagem do Governador Aluizio Alves à Assembléia Legislativa do Estado do Rio Grande do Norte. **Diário Oficial do Estado do Rio Grande do Norte**, Natal, v. 71, n. 309, p. 1-2, 13 jun. 1961.

BEISIEGEL, Celso de Rui. **Política e educação popular**: a teoria e a prática de Paulo Freire no Brasil. São Paulo: Ática, 1982.

BOURDIEU, Pierre. **O poder simbólico**. 2. ed. Tradução Fernando Tomaz. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1998.

CARVALHO, Vicente Vitoriano Marques. Primeiras aproximações sobre os projetos educacionais e culturais do Governo Aluízio Alves no Rio Grande do Norte (1961). In: CONGRESSO LUSO-BRASILEIRO DE HISTÓRIA DA EDUCAÇÃO, 5., 2004, Évora: Universidade de Évora.

Trabalho apresentado... Évora: Universidade de Évora, 2004.

CARVALHO, Vicente Vitoriano Marques. Recursos visuais na experiência piloto do método Paulo Freire em Angicos – RN. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE HISTÓRIA DA EDUCAÇÃO, 3., 2004, Curitiba. **Anais...** Curitiba: Sociedade Brasileira de História da Educação, 2004. (CD-ROM).

CERTEAU, Michel. **A escrita da história**. Tradução Maria de Lourdes Menezes. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1982.

DEWEY, John. **Como pensamos**. 4. ed. Tradução Haydée Camargo Campos. São Paulo: Nacional, 1979.

CUNHA, Luiz Antônio; GÓES, Moacyr de. **O golpe na educação**. 6 ed. Rio de Janeiro: Zahar, 1989.

ECO, Humberto. **Os limites da interpretação**. Tradução Pérola Carvalho. São Paulo: Perspectiva, 1999.

114 FERNANDES, Calazans; TERRA, Antônia. **40 horas de esperança**: o método Paulo Freire: política e pedagogia na experiência de Angicos. São Paulo: Ática, 1994.

FREIRE, Paulo. **Educação e mudança**. 3 ed. Tradução Moacir Gadotti e Lilian Lopes Martins. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1981.

FREIRE, Paulo; GUIMARÃES, Sérgio. **Sobre educação**: diálogos. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1984. (v. 2).

LYRA, Carlos. **As quarenta horas de Angicos**: uma experiência pioneira de educação. São Paulo: Cortez, 1996.

MCLUHAN, Marshal. **Os meios de comunicação como extensões do homem**. Tradução Décio Pignatari. São Paulo: Cultrix, 1971.

PANOFSKY, Erwin. **Significado nas artes visuais**. 2. ed. São Paulo: Perspectiva, 1979.

TARDY, Michel. **O professor e as imagens**. Tradução Frederico Pessoa de Barros. São Paulo: Cultrix, EDUSP, 1976.

NOVOA, Carlos Alberto Torres. (Org.). **Diálogo com Paulo Freire**. São Paulo: Loyola, 1979.



Prof. Dr. Vicente Vitoriano Marques Carvalho
Universidade Federal do Rio Grande do Norte
Vice-líder da Base de Pesquisa Estudos Histórico-Educacionais
E-mail | vitoriano@digi.com.br

Recebido 2 nov. 2004

Aceito 25 nov. 2004